

TEMPO INFAME

NILSON OLIVEIRA

Que tempos são esses,
em que uma conversa
é quase um crime,
por incluir
o já explícito?
Paul Celan

Esta seria uma edição impressa, mas a direção foi outra, por incompatibilidade com dias tão difíceis. O cenário por aqui, de uma esfera a outra, declina por vias mais e mais sinistras. Efeito do espectro que assombra o país, vertiginoso retrocesso. Com leis e medidas em favor dos interesses mais reacionários, tudo devidamente agenciado por uma política que persegue, sem dissimular, conquistas sociais, e opera com a lógica de subtração e sequestro, com violação e exclusão, que esvaziam possibilidades, como diz o Esposito: «desonerando a vida».

Não indiferentes a tais ocorrências a “mídia-corporativa” reitera a aliança de sempre, em favor dos poderes, valendo-se para isso de uma propaganda virulenta e letal. Tempo infame. O golpe é duro e sucessivo.

Golpe tutelado pela lei. Lei da força. Força que subverte a própria lei, imola direitos, suspende garantias. É o próprio «desastre». Lei suprema ou extrema, lei como excessivo da lei. Lei da exceção. «Lei que nasce dos massacres, das cidades incendiadas, das terras devastadas; dos famosos inocentes que agonizam no dia que está amanhecendo» (M.F, 2005. p, 58-59)

O avanço é terrificante. Recrudescimento das formas de perseguição e controle. Golpe contra a vida. A ameaça expande com dimensões cada vez mais amplas. Horror! Como adverte Pasolini (na entrevista traduzida por Davi Pessoa) «ESTAMOS TODOS EM PERIGO».

Todavia é preciso resistir.

É PRECISO RESISTIR CONTRA OS GOLPES. Resistir de todas as maneiras – produzir fraturas, linhas e linhas de evasão, em favor das experiências plurais e outras intensidades – num processo vivo do qual se proliferem situações de contragolpe.

Assim seguimos nesta nova edição da Polichinello, com vontade de vida. E nesse impulso, inspirados pelo sopro foucaultiano, articulamos uma fórmula mais direta, «POR UMA VIDA NÃO-FASCISTA», mote pelo qual rivalizamos com o presente e sua imagem intolerável, em atrito, produzindo «contragolpes», contra os fascismos, num agenciamento entre escritas, vozes, sopros, em favor do possível, da vida afirmativa.

Assim vamos nesta edição, resistindo a esse tempo hostil. Tempo governado por um capital

hediondo, cujo lastro é um campo árido, depauperante, campo de desova. Campo com o qual, por persistência-ativa, confrontamos e traçamos uma mudança de ar: «a linha de fuga do voo da bruxa». Movimento possível graças à rede de afetos, cuja potência afirmativa nutriu nossas forças, multiplicou nossa capacidade de sobrevivência.

<http://revistapolichinello.wixsite.com/poli17/e-n-s-a-i-o-s>